

MEMÓRIA SOCIAL, IDENTIDADE CULTURAL E O SIGNIFICADO DAS FESTAS COMUNITÁRIAS

*Valdir Jose Morigi**

*Simone Semensatto***

Resumo: O artigo estabelece relações entre memória social e identidade cultural a partir do estudo das narrativas nas festas em comunidades rurais do município de Estrela, Rio Grande do Sul. Destaca-se que é na dinâmica dos festejos e na junção de elementos culturais locais e globais que se constroem os sentidos do ritual. Conclui-se que o hibridismo é responsável pela construção e reconstrução das significações da festa, da reinvenção da tradição e da identidade do grupo social.

Palavras-chave: Memória Social. Identidade Cultural. Festas Comunitárias.

Abstract: The article establishes relations between social memory and cultural identity starting with the study of the narratives of the parties in rural communities of the city of Estrela, Rio Grande do Sul. It is observed that it is in the dynamics of the celebrations and the sum of local and global cultural elements that are constructed the directions of the ritual. It is possible to conclude that the hybridism is responsible for the construction of the meanings of the party, the reinvention of tradition and the identity of the social group.

Key words: Social memory. Cultural identity. Tradition. Community parties.

* Doutor em Sociologia pela USP e Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

** Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho relata resultados parciais da pesquisa intitulada “Informação, Comunicação e Práticas Culturais: um estudo sobre produção, transmissão e uso de informações na cultura popular”, que está sendo realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O estudo parte do pressuposto de que as festas comunitárias passaram por mudanças nas suas significações: no passado teriam um significado de reunião, integração e celebração comunitária, tendo derivado para um sentido marcadamente comercial. As festas comunitárias realizadas no município de Estrela, no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, como as do santo padroeiro, da escola, do clube de mães, da liga de corais, são espaços de confrontos de sentidos entre instituições, como agências religiosas, políticas, midiáticas, empresariais, que elaboram e fazem circular formas de pensar, agir e representar simbolicamente o mundo. Essas, por sua vez, coincidem com elementos simbólicos que legitimam a ordem social mais ampla, permeada pela luta de interesses e pela correlação de forças entre os diversos atores sociais que buscam impor a sua dominação. Nesse sentido, acredita-se que os símbolos, os costumes, os valores, as redes de sociabilidades e as maneiras de se comportar nas festas reproduzam a ordem social.

As festas comunitárias fornecem elementos do *habitus* do grupo social e, como prática cultural, revelam segredos que, através da memória social, permitem desvendar as marcas e os traços que constituem as identidades culturais dessas comunidades.

A partir da pesquisa de campo, realizada durante o ano de 2005, em quatro comunidades rurais (Linha Lenz, Linha Geralda Baixa, Linha Santo Antônio e Linha São José), foi possível delinear o perfil dessas comunidades e o significado desses festejos na construção da identidade do grupo social. Essas comunidades, cuja atividade econômica básica é a pequena produção agrícola e agropecuária, são compostas por um núcleo principal constituído pela capela, pelo cemitério, pela escola e pelo pavilhão de festas, onde são realizados os diversos eventos marcados pelos traços da cultura germânica.

As técnicas utilizadas para a coleta dos dados foram entrevistas com os protagonistas das festas (organizadores e participantes) e a observação participante. O uso da fotografia permitiu que diversas imagens das festas pudessem ser registradas.

2 MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE CULTURAL

As relações entre memória social e identidade cultural permitem estabelecer a interconexão entre a memória individual e a história de uma comunidade, sendo possível recuperar a memória coletiva de um grupo social.

A história de vida de uma pessoa está ligada à sua memória, e esta é narrada por intermédio da linguagem. Nesse sentido, Pomian (2000, p.509) afirma que:

Na prática esta arte da memória é uma arte da linguagem: ensina a conservar as narrativas e permite, pois, a um indivíduo tornar-se o depositário das recordações daqueles a quem nunca conheceu porque morreram muito antes de seu nascimento, e por sua vez transmitir estas recordações aos seus descendentes.

A memória coletiva de um grupo é narrada e passada de geração em geração. Desta forma, a identidade cultural de uma dada comunidade não se perde, sendo sustentada pela linguagem, pela narrativa e pela memória. De acordo com Scheibe (1985), deve-se entender a memória não como uma pura e simples faculdade mental, mas como uma construção social feita pela seleção de experiências de vida que possibilitam uma narrativa de como se é, e por que se é assim.

Segundo Simson (2000, p. 63), “Memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e transmiti-los às novas gerações, através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagens, texto, etc.)”. Conforme Pollak (1992), a memória é seletiva, visto que nem todos os fatos ficam registrados, uma vez que os indivíduos só têm recordações dos momentos aos quais dão determinada importância, que, por algum motivo, ficaram marcados subjetivamente. Além disso, parte das lembranças pode ser herdada dos acontecimentos de seus antepassados. A memória herdada possui uma ligação estreita com o sentimento de identidade. Isso se explica, segundo o autor, pois a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no processo de reconstrução identitária.

Para recuperar uma lembrança, entretanto, é fundamental que os indivíduos compartilhem de idéias ou de práticas semelhantes. Conforme afirma Halbwachs (1990, p. 34):

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuaram a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

O momento só será reconstituído efetivamente se as pessoas que compartilham daquela lembrança fizerem parte de um mesmo grupo ou sociedade. Cada indivíduo constrói sua identidade e reconstrói sua imagem perante os demais, tendo como referência o seu passado, a ligação e o sentimento de pertença a determinados grupos do qual faz parte.

Segundo essa abordagem, de uma maneira ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter persuasão junto a seus membros. Os acontecimentos presentes na vida de um indivíduo podem ser também os gravados na memória dos grupos próximos a ele. Desta forma, pode-se afirmar que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma

combinação de construções sociais passadas com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída pelo grupo e pelo indivíduo.

Por fim, memória, identidade e história apresentam-se em um processo de interação e construção: a memória constitui a identidade, na medida em que reforça, por intermédio de lembranças, a unidade e continuidade do indivíduo sobre si mesmo ou do sentimento de pertencimento a um grupo social.

Mesquita (1997) argumenta que o fenômeno da construção da identidade é algo que ocorre sem refletir sobre todos os aspectos envolvidos. Ela dá-se via socialização pelo reconhecimento do indivíduo dentro da família, da escola, e por todas as instituições sociais. Na contemporaneidade, as tecnologias de informação e comunicação, via Internet, criaram espaços de sociabilidade que permitem trocas instantâneas de informações entre diferentes lugares e indivíduos e suas práticas significativas, pulverizando os espaços da memória. Portanto, torna-se complexo separar o que provém do indivíduo daquilo que se absorve, consciente ou inconscientemente, do coletivo, pois há uma mútua interdependência entre a produção e a construção de sentidos e os seus espaços.

De acordo com Bauer (2004), a discussão sobre identidade cultural recai sempre na tentativa de associar um recorte da cultura (etnia, tradições, território, origem) à identidade do indivíduo, como se isso fosse um traço da própria cultura, ou, ainda, de tentar descobrir uma cultura verdadeira e original. A informação cultural de uma dada localidade, em última análise, possibilita a união entre as pessoas e seus grupos sociais, e estabelece uma ligação entre os valores das gerações passadas com os dos atuais pela memória social. A memória guarda inscrições de um passado que se faz presente, na medida em que ele é reconstituído e vivido pelos indivíduos na atualidade, por meio de suas manifestações culturais. Ela geralmente está associada a fatos vividos coletivamente, tais como eventos comunitários preservados pelas práticas culturais dos grupos sociais.

Os processos de integração entre diferentes grupos étnicos, decorrentes de migrações transnacionais, em que os sujeitos têm de transitar e negociar entre múltiplas culturas, caracterizam o hibridismo e fazem nascer as identidades culturais híbridas. Como aponta Hall (2002), as identidades movem-se entre dois eixos: o da *tradição*, no qual as identidades tentam resgatar a sua essência inata; e o da *tradução*, em que existe uma permanente negociação entre velhas e novas identidades, no caso das identidades híbridas. Assim, o *global* e o *local* influenciam-se mutuamente, deslocando as velhas identidades fechadas de uma cultura nacional e trazendo novas possibilidades de identificação cultural.

Conforme essa perspectiva, há uma nova articulação entre o *global* e o *local*. O “local” precisa ser percebido, atuando no interior da lógica da globalização, o que pode gerar novas identificações global e localmente, ao invés de ser confundido com as velhas identidades enraizadas em localidades bem delineadas e definidas. (HALL, 2002).

Segundo Mendonça (2001), o processo de globalização tem influenciado as festas populares, tendendo à fragmentação e mercantilização dos seus valores, fazendo com que ocorra o hibridismo. Esta fusão de elementos *tradicionais* e *modernos*, de diferentes tempos, é parte do processo histórico e da luta de diferentes grupos excluídos socialmente do processo

de construção de suas identidades regionais e locais. Nas festas comunitárias, a junção desses elementos reflete-se no gosto musical, nos hábitos alimentares, no consumo de bens e objetos, nas formas de apropriação e reelaboração dos valores tradicionais da cultura germânica que se misturam com elementos da cultura gaúcha, na fusão entre o *local* e o *global*.

Na memória, as narrativas fazem-se presentes. Descritas por Halbwachs (1990), as narrativas são como correntes da memória que alicerçam a memória coletiva por meio de diferentes pontos de referência que a estruturam e a inserem na memória da coletividade à qual o indivíduo pertence. Entre eles, incluem-se as tradições e os costumes, as regras, as interações e os jogos de sentidos e suas significações. O passado que a festa recupera via as narrativas importa elementos da memória identitária na tentativa de tornar o passado absoluto, cristalizado pela tradição dos festejos.

Desse modo, as práticas culturais continuam existindo porque a sua informação cultural foi passada de uma geração a outra, seja na forma oral ou escrita. Os grupos sociais de forma consciente ou inconscientemente conservam valores que mantêm os laços de identidade cultural. Segundo Bastide e Wachtel (2001), toda transmissão de tradição visa a manter intacta a lembrança de seus fatos fundadores, por isto a memória é tão importante para a preservação da tradição.

Assim, o passado inspira as manifestações tradicionais, norteando o presente e o futuro como fonte de identidade. Conforme Morigi (1989, p.133), “É preciso considerar a festa enquanto entretenimento popular e como elemento fundamental que expressa a identidade do grupo [...]”. Neste contexto, as narrativas sobre as festas tornam a memória fragmentos da identidade do grupo social local.

A globalização tem influenciado as práticas culturais pela inserção de elementos *modernos* ao mesmo tempo em que se preservam os aspectos *tradicionais*. Nesse processo, as festas não “perdem” os sentidos *tradicionais* ou *originais*, mas incorporaram elementos da indústria cultural, transformando-se conforme a dinâmica do contexto global. Tais fusões e entrecruzamentos de práticas e valores culturais *local* e *global* formam o hibridismo.

Na memória coletiva estão inscritos todos os fatos importantes para as comunidades, entre eles as práticas culturais herdadas do passado cultural, conservadas e consideradas *tradicionais*. As festas comunitárias fazem parte de uma tradição para as comunidades rurais, e nessas manifestações estão contidos os elementos da cultura *local, regional* e *global*, que, por sua vez, constituem a identidade do grupo local. As festas e seus elementos culturais são construídos e atualizados na memória social das comunidades por meio da sua ritualização, que gera ciclos e fluxos informacionais, garantindo a sua reprodução e manutenção enquanto prática cultural.

3 AS NARRATIVAS E O SIGNIFICADO DAS FESTAS COMUNITÁRIAS

Conforme Bordin (2001), o vínculo social é um processo de construção de sentido, em que viver junto consiste, em primeiro lugar, em elaborar e compartilhar de concepções comuns de mundo. As significações das festas comunitárias manifestam-se por meio do pensamento coletivo dos seus protagonistas. Elas são expressas nas narrativas dos seus organizadores e participantes. As narrativas que seguem expressam diferentes significações que estes rituais coletivos possuem para a comunidade.

O objetivo da festa é o *padroeiro da comunidade*, então todos os anos e nesta época, a gente celebra o santo que faz parte da história da comunidade. (Odair, 50 anos, organizador) (grifo nosso)

[...]eu acho que o objetivo é confraternizar com as pessoas, ir à missa e *celebrar o Santo Padroeiro*. (Marina, 46 anos, participante) (grifo nosso)

Observa-se nessas narrativas a presença do sentido religioso da festa. O dia da festa da comunidade é um dia de celebração, agradecimento e comemoração. Além disso, por intermédio da festa ocorre a integração e a confraternização entre os diversos membros que dela participam.

Pra gente que mora aqui nesta comunidade, o objetivo da festa seria comemorar o dia do *santo padroeiro* da comunidade, e é por isto que a gente faz a festa: para comemorar e também aproveitando para *arrecadar um valor*. O *lucro* da festa a gente emprega aqui na própria comunidade. (Maria, 39 anos, organizadora) (grifos nossos)

Eu acho que a importância da festa para nossa comunidade é angariar fundos para fazer reformas no salão e na capela [...] sempre tem reparos a fazer, e a gente da comunidade procura ajudar desta forma, fazendo a festa e chamando as pessoas para participarem. (Walter, 55 anos, organizador)

Constata-se nas narrativas que o espaço da festa não tem apenas o objetivo de entretenimento, ele também incentiva a criação de laços de identidade e solidariedade entre os participantes dos festejos. Percebe-se que na prática da festa há um entrelaçamento de sentidos, pois o festejo não possui uma significação única para os seus protagonistas. Ela é o momento do *encontro*, da integração, da celebração do dia do santo padroeiro e também tem o objetivo de *arrecadarem fundos* para a comunidade, visando ao lucro, que é revertido em prol das necessidades das próprias comunidades, como, por exemplo: reformar as estruturas do prédio da capela ou do próprio salão comunitário.

Seguem outras narrativas:

O objetivo da festa é tentar reunir o pessoal de toda localidade, a fim de arrecadar fundos, e para diversão pessoal. (Cristiano, 28 anos, participante).

A importância das festas comunitárias eu acho que é para o *convívio* da comunidade, *integração e amizade* entre as pessoas. (Nara, 36 anos, participante) (grifos nossos).

A festa tem objetivo de reunir a comunidade em volta de uma data *comemorativa*, e as pessoas da comunidade se *encontram* para *compartilhar* este momento de lazer. (Rosária, 37 anos, participante) (grifos nossos).

A prática da festa como espaço de sociabilidade reforça de coesão social, entre os membros da comunidade. O evento é considerado um momento de confraternização, união, integração, encontro entre as pessoas que convivem nas comunidades. No momento da festa ocorre a interação entre amigos, parentes, vizinhos e familiares. A ritualização do festejo permite as trocas e a circulação de informações entre os participantes e organizadores, criando laços de amizade, tornando o ambiente das festas um espaço agradável e prazeroso. Assim, as festas comunitárias promovem a união, reproduzindo e mantendo a estrutura da ordem social e os valores internalizados da cultura regional e local.

Além das narrativas dos protagonistas do ritual, os símbolos utilizados pela publicidade no cenário dos festejos é outro elemento mediador dos sentidos da festa. A festa é um espaço de disputas simbólicas entre os patrocinadores, empresas da região que fazem propaganda dos seus produtos e serviços, agentes religiosos, políticos entre outros. No pavilhão, onde ocorre o evento, observa-se a presença de materiais das empresas, propaganda de políticos da região, imagens de santos(as), balões entre outros adereços que fazem parte da decoração do local. Nele, os costumes e os valores da cultura alemã fazem-se presentes por meio das comidas (saladas, pães, cucas), da língua alemã, das músicas típicas (bandinhas), das atividades lúdicas, práticas legadas da tradição cultural de festejar.

No espaço da festa, percebe-se a mistura de traços da cultura germânica com elementos da cultura gaúcha, expresso na indumentária, na culinária (churrasco, chimarrão), nas músicas regionalistas, entre outros elementos que reproduzem um padrão de organização da vida coletiva, responsável pela construção de uma identidade cultural híbrida.

O cenário da festa é uma mistura de elementos de ordem material e simbólica. Os objetos que compõem a decoração do salão, as brincadeiras realizadas durante o evento e o conjunto de práticas que envolve a tradição da cultura regional e local são responsáveis pelo reordenamento e mobilização das significações da festa, ao mesmo tempo em que possibilitam novas construções de sentido.

4 CONCLUSÕES

Os festejos expressam um sentimento coletivo de pertencimento do grupo. Nesse espaço ocorre a confraternização entre os seus organizadores e participantes. A festa também passa a ser uma forma de preservar o ritual, considerado um acontecimento tradicional. O evento comunitário como uma prática cultural, por meio do jogo de seus elementos constitutivos (materiais e simbólicos), reinventa a tradição do festejo e de seus valores, ao mesmo tempo em que constrói e reconstrói suas significações, e a identidade do grupo social.

As comunidades rurais, herdeiras de um passado, de uma história, portanto portadoras da memória das festas, seguem e mantêm a tradição. A permanência das festas ocorre por intermédio da reatualização das práticas sociais vividas no passado e da sua reinvenção no presente.

Neste sentido, a festa como prática de significação para as comunidades enaltece e reforça valores e sentimentos, crenças e práticas, exercendo a função integradora da comunidade e os seus valores. No entanto, para os seus protagonistas (organizadores e participantes), a celebração do santo padroeiro ultrapassa o caráter mercantil de “arrecadar fundos”. A festa comunitária como uma prática cultural transcende a dimensão econômica. Ela possui uma dimensão simbólica, ligada ao sagrado e às construções identitárias do grupo, dimensões que se entrecruzam e se complementam, pois a prática das festas está intimamente ligada ao espírito de comunidade e ao sentimento de pertença do grupo.

As festas comunitárias como espaço de sociabilidades é o lugar no qual ocorrem múltiplas interações sociais, da troca de informações, de sentimentos, de emoções, de valores por meio do compartilhamento e envolvimento entre os diversos agentes sociais que participam do ritual.

Assim, diante das transformações capitaneadas pelo processo de globalização, que provoca mudanças em todos os setores e atividades, as formas de festejar vão se alterando. Todavia, enquanto os grupos, por meio de seus membros, continuarem transmitindo os valores culturais e a tradição da festa como uma prática social do grupo, elas não serão apenas repassadas, mas permanecerão vivas na memória dos seus protagonistas.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger.; WACHTEL, Nathan. Memória e tradição. In: RIVERA, Paulo Barrera(org.). **Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

BAUER, Márcio André Leal. **A construção social da identidade: um estudo nas organizações de agricultura ecológica em duas regiões do RS**. 2004. Dissertação

(Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

BORDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. Festas populares hoje: muito além da tradição. In: Congresso Brasileiro de Comunicação, 24., 2001, Campo Grande, MS. **Anais...** Campo Grande, MS: Intercom, set. 2001.

MESQUITA, Zilé. Descobrir-se pela arte na escola isto é possível? **Arte e Educação em Revista**, Porto Alegre, ano 3, n. 4, p. 71-80, dez. 1997.

MORIGI, Valdir José. **Festas camponesas**: um estudo em Estrela- Rio Grande do Sul. 1989. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Sociologia Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Teóricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v. 42, p. 507-516, 2000.

SCHEIBE, Karl E. Memória, IDENTIDADE E HISTÓRIA. In: BASSIT, Ana Z.; CIAMPA, Antônioda C.; COSTA, Márcia R. (Coords.). **Identidade**: teoria e pesquisa. São Paulo: EDUC, 1985.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. São Paulo: Editora Autores Associados, c2000. p. 63-74.

